

IMAGENS, VÍNCULO E SAÚDE: EXPERIÊNCIA COM OFICINAS TERAPÊUTICAS PARA IDOSOS

*Ana Carolina de Moraes Silva**

Isabela Caroline Machado

Isadora Rocha Soler

Rosa Rodrigues de Moraes

Ananda Kenney da Cunha Nascimento

DOI: <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2021v17p325-340>

RESUMO

Idosos possuem seus direitos garantidos em Constituição, principalmente no que se refere ao cuidado integral para que possam vivenciar um envelhecimento ativo e saudável. Portanto, objetivou-se discutir sobre as atividades de promoção de saúde realizadas junto a idosos por meio da facilitação de oficinas terapêuticas expressivas por estudantes do curso de Psicologia de uma universidade pública do norte do Paraná, pautando-se nos pressupostos de grupo operativo. Trata-se de um relato de experiência extensionista em um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos. Participaram das oficinas de três a onze idosos por encontro, tendo ocorrido um total de doze encontros com rodas de conversas mediadas pela utilização de imagens - majoritariamente -, sons e movimentos. Foram trabalhados temas como história de vida, autoimagem, mudanças, adoecimento, autoconhecimento, autocuidado e redes de apoio. Para registrar os dados da intervenção foi utilizado o diário de campo como instrumento. Os resultados foram sistematizados e analisados a fim de discutir as aproximações entre lógica assistencial, ações em saúde e práticas psicológicas com viés terapêutico, apontando à importância da inserção de uma ação alinhada com a demanda e a comunicação de qualidade com o serviço. Essa construção coletiva buscou o envolvimento ativo dos participantes a partir de propostas que incentivaram a autonomia do indivíduo, a cooperação, a reflexão e o pensar criativo. Ademais, diante da alta demanda por um espaço de fala, percebeu-se que, apesar dos obstáculos ao desenvolvimento do grupo, a convivência grupal possibilitou vinculação, empatia e acolhimento entre os participantes, contando com a colaboração dos recursos na expressão de sentimentos, desejos e pensamentos. A partir disso, abordou-se a experiência do envelhecer, o que possibilitou reverberações afetivas, fortalecimento de vínculos interpessoais e aprendizagem. Assim, as oficinas terapêuticas funcionaram como estratégias promotoras de saúde em um espaço socioassistencial que preconiza o cuidado integralizado à terceira idade.

Palavras-chave: envelhecimento; grupo; saúde do idoso; Arte; Psicologia.

* Universidade Estadual de Londrina. Contato: anacarolianams@gmail.com

IMAGES, BONDING, AND HEALTH: EXPERIENCE WITH THERAPEUTIC WORKSHOPS FOR THE ELDERLY

ABSTRACT

Elderly people have a right guaranteed by the constitution to comprehensive health care, so that they can experience active and healthy aging. The objective of the present work was to discuss health promotion activities carried out with the elderly, facilitated by therapeutic workshops conducted by Psychology students at a public university in the north of Paraná state. This extension work focused on the importance of coexistence and the strengthening of bonds. Three to eleven elderly people participated in each workshop, with a total of twelve meetings employing conversation wheels mediated by the use of mainly images, together with sounds and movements. The topics worked on included life history, self-image, changes, illness, self-knowledge, self-care, and support networks. The data obtained in the activities were recorded using a field diary. The results were organized and analyzed in order to discuss the associations among care logic, health actions, and psychological practices with therapeutic focus, highlighting the importance of adopting actions aligned with demand and ensuring quality communication with the service provided. This collective approach sought the active involvement of the participants, based on proposals to encourage individual autonomy, cooperation, reflection, and creative thinking. Furthermore, given the high demand for the opportunity to speak, it could be seen that despite obstacles to the development of the group, its formation enabled bonding, empathy, and a welcoming attitude among the participants, assisted by the provision of resources for the expression of feelings, desires, and thoughts. In this way, the experience of aging was addressed, strengthening affective aspects, interpersonal bonds, and learning. The therapeutic workshops constituted a strategy for the promotion of health in a space for social assistance that recognized the importance of integrated care for the elderly.

Keywords: Aging; Group; Health of the elderly; Art; Psychology.

IMÁGENES, VINCULACIÓN Y SALUD: EXPERIENCIA CON TALLERES TERAPÉUTICOS PARA MAYORES

RESUMEN

Las personas mayores tienen garantizado por Constitución el derecho a una atención integral para que puedan vivir un envejecimiento activo y saludable. Por lo tanto, se objetivó discutir las actividades de promoción de la salud que se realizan junto a las personas mayores a través de la facilitación de talleres terapéuticos expresivos por parte de estudiantes de la carrera de Psicología en una universidad pública del norte de Paraná, a partir de los presupuestos de un grupo operativo. Se trata de un relato de una experiencia de extensión en un servicio de convivencia y fortalecimiento de vínculos. En los talleres participaron de cada encuentro entre tres y once personas mayores, en un total de doce encuentros con rondas de conversaciones mediadas por el uso de imágenes -en su mayoría-, sonidos y movimientos. Se trabajaron temas como historia de vida, autoimagen, cambios, enfermedades, autoconocimiento, autocuidado y redes de apoyo. Para registrar los datos de la intervención, se utilizó como instrumento el diario de campo.

326

Los resultados fueron sistematizados y analizados con el fin de discutir las aproximaciones entre lógica asistencial, acciones de salud y prácticas psicológicas con sesgo terapéutico, señalando la importancia de insertar una acción alineada con la demanda y la comunicación de calidad con el servicio. Esta construcción colectiva buscó que los participantes se involucraran activamente a partir de propuestas que fomentaron la autonomía del individuo, la cooperación, la reflexión y el pensamiento creativo. Además, ante la alta demanda de un espacio del habla, se notó que, a pesar de los obstáculos para el desarrollo del grupo, la convivencia grupal permitió la vinculación, la empatía y la acogida entre los participantes, a través del uso de recursos para la expresión de sentimientos, deseos y pensamientos. Con ello, se abordó la experiencia del envejecimiento, que ha permitido reverberaciones afectivas, fortalecimiento de vínculos interpersonales y aprendizaje. Por ende, los talleres terapéuticos funcionaron como estrategias de promoción de la salud en un espacio socio-asistencial que preconiza la atención integral a las personas mayores.

Palabras clave: envejecimiento; grupo; salud de las personas mayores; Arte; Psicología.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Política Nacional de Assistência Social ([BRASIL, 2005](#)), os centros de convivência para idosos são uma parte da unidade pública de assistência social, tendo como orientador o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Dessa maneira, ofertam serviços na proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) com o objetivo de fortalecer os vínculos de solidariedade por meio do protagonismo do usuário, visando convivência, socialização e acolhimento, garantindo a proteção social dos indivíduos e das famílias, além de contribuir para uma atenção integral à saúde. Os centros de convivências são unidades, além do CRAS, que executam o Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos (SCFV) que é norteado pelos eixos: convivência social, direito de ser e participação; buscando estimular os usuários por meio de situações desafiadoras, promovendo orientações e (re)construindo vivências e histórias individuais e coletivas ([BRASIL, 2017](#)).

O serviço tem caráter preventivo e proativo, possui foco nas vivências coletivas – familiares e comunitárias – com encontros intergeracionais, objetivando fortalecimento de relações por meio de integração e troca de experiências mediadas por uma escuta qualificada e um ambiente acolhedor que estimula relações horizontais e colaborativas ([BRASIL, 2016](#)). Ademais, por atuar com base na atenção integral à terceira idade, busca estimular a autonomia dos idosos, contribuindo para um envelhecimento ativo e saudável, estimulando capacidades de decisão e criação de novos projetos de vida, e promovendo o desenvolvimento de potencialidades ([BRASIL, 2017](#)).

De acordo com o [IBGE \(2011\)](#), o processo de envelhecimento se encontra acelerado no Brasil com projeção de que, em 2030, o número de idosos ultrapasse o total de crianças, colocam-se dificuldades para a condução dos serviços para esse público, pois o foco é garantir que “a longevidade represente um ganho no curso de vida humano e não mera sobrecarga para a sociedade e para aqueles que envelhecem” ([RIBEIRO, 2015, p. 270](#)). Indo ao encontro do que prevê o Estatuto do idoso, documento vigente desde 2003, que assegura os direitos das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos

a partir de um cuidado integral, considerando o envelhecimento em si como um direito, sendo “dever do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde mediante a efetivação de políticas públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade” ([BRASIL, 2013, p. 6](#)). Em suma, o Estatuto do idoso prevê questões fundamentais, como garantia de educação, alimentação, esporte, lazer, cultura, direitos à saúde mediados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pela previdência social.

Diante do exposto, os trabalhos no SCFV são realizados prioritariamente em grupos, visando socialização e convivência em comunidade, promovendo saúde e propiciando desenvolvimento dos sentimentos de pertencimento, aceitação da diferença e identidade ([BRASIL, 2012](#)). Por isso, na tentativa de implantar serviços eficientes, os grupos propostos no SCFV buscam ser um espaço de criação coletiva, compartilhamento e aprendizado com a experiência do outro, não tendo como finalidade ser um espaço psicoterapêutico ([BRASIL, 2012](#)). No entanto, compreende-se que as atividades realizadas possam gerar efeitos terapêuticos em seus participantes, visto que grupos são espaços potencializadores e que tais efeitos podem estar presentes em grupos não denominados psicoterápicos ([NOGUEIRA et al., 2013](#)).

Nesse viés, encontrou-se em Enrique Pichon-Rivière (1907-1977) – psicanalista que nasceu em Genebra, Suíça e viveu na Argentina – interessante suporte para a compreensão do que se constitui grupo e seu manejo com grupo operativo – técnica criada em 1946 –, haja vista o caráter de inovação de sua teoria ao compreender os processos grupais e ao relacioná-los com o materialismo dialético de Marx e Engels, e à psicodinâmica dos grupos; amparando seu construto teórico-prático na concepção dialético-materialista de mundo que considera a noção de trabalho não-alienado e o potencial transformador das relações estabelecidas entre os indivíduos e destes com o meio ([CASTANHO, 2012](#)), apontando “para uma visão integradora do “homem em situação” (...) localizado numa determinada circunstância histórica e social” ([PICHON-RIVIÈRE, 1982, p. 170](#)).

Para [Pichon-Rivière \(1982\)](#), o grupo operativo é uma configuração em constante mutação. Trata-se de uma modalidade de dispositivo de grupo que se diferencia dos psicoterapêuticos por possuir como foco de trabalho a tarefa e seus produtos conscientes e inconscientes. Nele, a preocupação central se dá na investigação da dinâmica psíquica dos fenômenos intragrupais, no tocante ao modo como ambos os planos do grupo – horizontal, o conjunto em sua totalidade, e o vertical, seus participantes individualmente –, se relacionam entre si e com a tarefa proposta com vistas à aprendizagem por meio desta ([CASTANHO, 2007, 2012](#)). Contudo, ainda que a função principal do grupo operativo não seja terapêutica, seria equivocado constatar que não possa assumir esse caráter. A fim de elucidar esta questão, [Fiscmann \(1997, p.95\)](#) afirma que “todo grupo operativo é terapêutico, mas nem todo grupo terapêutico é operativo”, pois o grupo operativo é um método investigativo e um instrumento que tem função terapêutica que apenas é alcançada a partir do momento em que a tarefa – ação humana que integra pensar, agir e sentir – em questão se configura como trabalho não-alienado e agente mobilizador de elaboração psíquica a fim de formar um Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO). Destaca-se, portanto, que tensões são inerentes à dinâmica do processo grupal, oscilando entre momentos de pré-tarefa – condutas dissociadas entre agir, pensar e sentir – e a tarefa, buscando uma síntese integradora dos aspectos manifestos e latentes ([PICHON-RIVIÈRE, 1982](#)).

Ressalta-se que, na visão pichoniana, a concepção de tarefa assume um significado diferente do habitual, definindo-se como o momento em que a ação humana

extrapola o agir mecanizado, passando a ocorrer integrada ao sentir e ao pensar; o que considera-se um movimento espiralado do conhecimento em torno do modo de lidar com as ansiedades que é promotor de elaboração psíquica e, conseqüentemente, de saúde mental; distanciando-se de ações estereotipadas que segregam a ação dos seus aspectos subjetivos ([CASTANHO, 2007](#)).

Portanto, nesta pesquisa-intervenção, propôs-se ações fundamentadas no manejo de grupo operativo, no formato de oficinas terapêuticas por serem atividades coletivas com vistas à integração social e familiar, manifestação de afetos e compartilhamento de experiências. Ademais, elas ocorrem a partir das necessidades do serviço, considerando o interesse dos participantes e contam com diversos tipos de atividades desempenhadas pelo grupo com a presença e facilitação “de um ou mais profissionais, monitores e/ou estagiários” ([BRASIL, 2004, p. 20](#)), sendo acessível a variados públicos. Assim, segundo [Valladares et al. \(2003\)](#), as oficinas terapêuticas são espaços de encontros que promovem o exercício da cidadania, da liberdade e da convivência entre sujeitos diferentes; podendo proporcionar um espaço de expressão, escuta, questionamentos e reflexão, possibilitando a criação de vínculos ([SOUZA; PINHEIRO, 2012](#)).

Atentando-se para a possibilidade do uso de recursos artísticos como instrumentos nas oficinas terapêuticas, decidiu-se por criar um grupo que faria uso da arte como ferramenta, já que a arteterapia, segundo [Reis \(2014\)](#), permite ao sujeito vivenciar, por exemplo, experiências que não foram possíveis de serem verbalizadas, podendo dar forma àquilo que não pode elaborar e expressar em outros formatos. Além disso, a arteterapia psicanalítica considera a possibilidade de o sujeito imergir em seu inconsciente mediado pelo uso de ferramentas artísticas, favorecendo o autoconhecimento. Portanto, estas permitem regressão de fantasias e desejos inconscientes e, a partir das produções, cria-se o diálogo sobre diversas temáticas do cotidiano dos sujeitos. Dentre essas ferramentas estão os usos de imagens, como colagem com recortes de revistas, sons provindos de músicas, expressões corporais por meio de dinâmicas e fotografias. Deste modo, entende-se que as produções artísticas podem se ligar a conteúdos de ordem analítica como sonhos, memórias, conflitos infantis ou atuais e, frente a isso, pode-se ressignificar os materiais inconscientes.

Neste íterim, considerando a necessária aproximação acadêmica com o contexto de um SCFV e a importância da prática de grupos com a população idosa, visto que há, geralmente, um distanciamento da temática com os conteúdos ministrados nas disciplinas do curso de Psicologia; justifica-se que esta proposta de intervenção foi desenvolvida a partir de uma ação extensionista que tem como objetivo central integrar o universo acadêmico e a população, constituindo-se como uma forma de oferecer assistência à sociedade ([POSSAMAI, 2017](#)). Isto porque a universidade se configura como um dos principais agentes sociais na promoção de ações voltadas à saúde da população idosa. Essas iniciativas, portanto, têm caráter de transformação social, não somente impactando a população, mas contribuindo para a formação técnico-científica dos discentes ([POSSAMAI, 2017](#)). Portanto, objetivou-se descrever e discutir atividades de promoção de saúde realizadas junto a idosos em um SCFV por meio da facilitação de oficinas terapêuticas expressivas, pautando-se nos pressupostos de grupo operativo.

MÉTODO

Este relato de experiência foi sistematizado a partir de registros confeccionados pelas facilitadoras da “oficina terapêutica expressiva de imagens, sons e movimentos” ao

longo das intervenções realizadas em um SCFV, localizado no interior do Paraná. Adotou-se como instrumento o diário de campo, que foi construído por meio de observações das pesquisadoras – estudantes de um curso de Psicologia em uma universidade pública sob supervisão acadêmica e orientação no campo – que acompanharam e compreenderam os movimentos inscritos no cotidiano. Foram destacados aspectos do espaço físico, dos sujeitos envolvidos nos acontecimentos, das falas, atividades, impressões e suposições das próprias pesquisadoras, tudo isso de forma descritiva e reflexiva. De acordo com [Oliveira \(2014\)](#), o diário de campo possibilita ao pesquisador organizar e refletir sobre os seus objetivos, processos decisórios e papéis no campo com sensibilidade, criatividade e rigor científico.

As ações ocorreram no SCFV, em uma sala ampla, iluminada e arejada com as cadeiras dispostas em formato circular, considerando a quantidade de participantes do grupo em cada dia, com o intuito de proporcionar um espaço de acolhimento, fala e escuta mútua aos idosos a partir de um recurso mediador que colaborasse para a expressão dos participantes em torno da tarefa. Trabalhou-se com uma temática por encontro, iniciando com a operacionalização de algum recurso arteterapêutico (dentre eles: fotografia, desenho com giz, lápis de cor, filmagem, escrita criativa), considerando os objetivos e os benefícios terapêuticos esperados ([PHILIPPINI, 2009](#)). Todos os encontros foram finalizados com uma roda de conversa, considerando-se a característica terapêutica da oficina. A partir das rodas de conversa, buscou-se propiciar um entendimento crítico sobre os papéis desempenhados no grupo, os quais são socialmente atravessados por questões históricas em torno de sentidos atribuídos ao mundo e ao lugar ocupado neste por meio das experiências cotidianas. Além disso, tais estratégias proporcionam trocas de conhecimentos e transformações sociais, a partir da compreensão de que o sujeito é agente ativo em sua história ([SAMPAIO *et al.*, 2014](#)).

Ressalta-se que a temática da oficina foi escolhida em acordo com a demanda apresentada pela representante institucional. O público alvo do grupo foi composto de idosos do próprio serviço que se inscreveram previamente na atividade. Contou-se com a participação de dezesseis idosos – dois homens e quatorze mulheres – que receberam nomes fictícios inspirados em flores devido ao sigilo das informações, porém este número variou ao longo da execução das oficinas, havendo de três a onze participantes por dia. As oficinas foram realizadas com frequência quinzenal e duração de uma hora e trinta minutos; e as supervisões e os momentos de planejamento tiveram ocorrência semanal.

No que concerne à formação da equipe, esta foi composta por uma coordenadora (responsável por realizar a condução das atividades, estando à frente da oficina com ativa atuação nesse cenário, tendo uma noção ampla da dinâmica grupal), duas cocoordenadoras (atuaram para colaborar com o trabalho da coordenadora, ajudando no controle do tempo cronologicamente e estiveram mais próximas dos idosos a fim de auxiliá-los e/ou apontando aspectos despercebidos pela coordenadora) e duas observadoras (posicionadas, geralmente, fora da roda, prestando atenção na dinâmica que foi se formando no grupo e tomando notas, colaborando com a compreensão e a análise das atividades, bem como com o planejamento em supervisão).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realizaram-se grupos fechados em uma lógica qualitativa. Nos grupos fechados compreende-se que existe um combinado prévio entre os participantes, sendo que uma vez composto o grupo, não há a entrada de novos membros. Já os grupos abertos

possuem uma fluidez maior de pessoas, visto que pode ter a entrada de novos participantes caso haja vaga (ZIMERMAN, 1997). Entretanto, inicialmente, pensou-se em deixar os participantes frequentarem a fim de decidir se gostariam de permanecer, em uma dinâmica aberta. Haja vista a dificuldade inicial dos participantes e funcionários do serviço compreenderem a dinâmica fechada da proposta que tinha como objetivos o vínculo e a expressão dos participantes, mesmo que, a longo prazo, poucos continuassem assíduos nos encontros. De fato, nos últimos encontros frequentaram em torno de cinco participantes – todas mulheres. A sequência dos temas, objetivos e técnicas dos encontros estão descritos na tabela.

Nota-se que o foco da oficina terapêutica não está no número de participantes atingidos, mas nos efeitos que podem surgir dessa interação. Diante disso, referente à constituição desse grupo de idosos, percebe-se a predominância de mulheres, tendo a participação dos dois homens em poucos encontros, o que confirma a constatação de [Baldin e Magnabosco-Martins \(2015\)](#) sobre a praticamente inexistente participação masculina em atividades de convivência para idosos. Por isso, [Bezerra, Baldin e Justo \(2015\)](#) que realizaram oficinas apenas com mulheres, colocaram como um ponto para reflexão quais seriam as possibilidades de experiência da velhice para os homens.

Tabela 1. Sequência das oficinas.

Tema	Objetivos	Técnicas
Identidade	Apresentação (grupo e participantes) e construir o contrato terapêutico	“Dinâmica do olhar” e construção de crachás
Família	Refletir sobre concepção de família	Recorte e colagem
História de vida	Revisitar memórias afetivas por meio de fotografias da família	Fotografias e música “Família”, Titãs (1986)
“Dia do Idoso”	Discutir sobre ser fotografado, autoimagem, beleza e ser idoso	Sessão de fotos
Falta e mudanças	Trabalhar ausência de uma participante devido a adoecimento	Elaboração de cartões
Identidade grupal	Construir um mural que propicie apropriação do espaço grupal	Mural do grupo
Livre	Finalizar o mural	Mural do grupo
Redes de apoio	Refletir e identificar pessoas e instituições de apoio	Recorte e colagem; “dinâmica do barbante” formando uma rede
Autocuidado	Discutir sobre respeito ao corpo e das formas de cuidado de si e do outro.	Automassagem e massagem coletiva
Lembranças	Relembrar e compartilhar histórias ao caminhar pelo bairro.	Passeio pelo bairro, tirando fotografias
Eu e o outro	Refletir sobre autoimagem, autoconhecimento e empatia	“Dinâmica do espelho”
Encerramento	Avaliar o grupo e confraternizar	Amigo secreto e retrospectiva

A fim de relatar os resultados da intervenção por meio da descrição das estratégias utilizadas e sistematizar os principais conteúdos abordados, foram organizados quatro subtítulos, abrangendo: 1) as interlocuções entre saúde e assistência social na atenção

integral ao idoso, 2) as experiências e representações do envelhecer, 3) a vinculação intragrupal, aspectos favoráveis e obstáculos ao desenvolvimento, e 4) as imagens como mediadoras de fortalecimento de vínculos interpessoais.

Interlocuções entre saúde e assistência social na atenção integral ao idoso

Em consonância com o Estatuto do Idoso, os SCFV buscam garantir a proteção social dos usuários ([BRASIL, 2016](#)), implementando atividades grupais com finalidades de trocas de experiências e aprendizagem ([POSSAMAI, 2017](#)). Dito isso, a lógica assistencial era a que prevalecia no campo onde foi realizada a intervenção. Somada a esta perspectiva, visou-se incorporar ações coletivas promotoras de saúde, alinhando-se a um dos princípios do SUS: a integralidade. Esta parte do pressuposto de que diferentes ações e serviços podem - e devem - atuar de forma conjunta e articulada em prol da oferta de uma assistência humanizada e de qualidade, garantindo a atenção ao cuidado integral e ampliando as possibilidades do existir humano em sociedade ([PAIM, 2013](#)).

Por isso, inicialmente, a representante institucional do SCFV sinalizou as demandas e necessidades do serviço para que a estruturação do grupo se desenvolvesse em consonância. Além disso, foi pontuado que práticas de natureza terapêutica, como a desenvolvida, não eram corriqueiras em tal serviço, e, por isso, o diálogo com a instituição foi fundamental para elucidar as especificidades do funcionamento terapêutico e sigilo de um grupo fechado. Coloca-se a importância de desenvolver uma prática alinhada com a demanda do serviço e da população, trabalhando em conjunto para que os interesses e necessidades, assim como as vulnerabilidades e riscos, sejam levados em consideração no planejamento da ação ([BRASIL, 2017](#)).

Esse contato próximo com a instituição foi essencial para lidar com as dificuldades que aconteceram ao longo do percurso. Isto porque durante os primeiros encontros, novos usuários do serviço eram convidados pela instituição e pelos integrantes a participarem do grupo. Notou-se uma dificuldade na compreensão a respeito da dinâmica fechada, da proposta que tinha como objetivo o vínculo e a expressão dos participantes. Além disso, algumas interrupções ocorreram por parte de funcionários para registro fotográfico – uma prática comum do serviço. Desse modo, foi acordado que as estudantes fariam esse registro e disponibilizá-lo-iam ao SCFV a fim de que as interferências cessassem. Assim, ressalta-se a importância do estabelecimento de uma comunicação de qualidade com a instituição para que haja concordância e ajustes entre as necessidades do funcionamento grupal e as particularidades do serviço.

Notou-se a importância da frequência e da quantidade de participantes no grupo para o serviço, algo que está interligado com o seu funcionamento, que relaciona a assiduidade com o interesse pela proposta ([BRASIL, 2017](#)). Entretanto, pelo viés da Psicologia, compreende-se que há diversos outros fatores que interferem na frequência, principalmente quando a tarefa envolve lidar com a subjetividade e angústias pessoais e coletivas. A proposta de um grupo fechado busca aprofundar o vínculo entre os participantes, não permitindo a entrada de novos membros e envolve desistências durante o processo, o que deve ser respeitado. Dessa maneira, mesmo com essas diferenças, a ação realizada esteve em consonância com os objetivos do SCFV, o que permitiu que o grupo acontecesse com êxito nesse espaço. As atividades realizadas buscaram desenvolver a autonomia dos idosos, permitindo que eles organizassem e construíssem juntos. No entanto, nem sempre isso era possível, pois, em algumas atividades previamente planejadas para ocorrerem de forma coletiva, os participantes optaram por

fazerem sozinhos. Exemplo disso aconteceu no quinto encontro, quando foi proposta a confecção de um cartão coletivo para uma participante adoecida e realizaram cartões individuais. No entanto, coloca-se a importância de lidar com as frustrações e respeitar a individualidade e a opinião dos participantes.

Com isso, foram trazidas para esse espaço atividades que precisavam do envolvimento ativo dos participantes, utilizando recursos artísticos. Destaca-se a confecção do mural do grupo, nos sexto e sétimo encontros, nos quais os participantes criaram em papel craft um espaço para colocar fotografias e memórias do grupo. Os idosos decoraram conjuntamente e deram um título a esse material. Esta proposta exemplifica aspectos essenciais trabalhados no SCFV, como identidade, autonomia e fortalecimento de vínculos, estimulando a capacidade de escolha ([BRASIL, 2017](#)).

Experiências e representações do envelhecer

O envelhecimento é um processo acompanhado por diversas mudanças significativas, envolvendo aspectos físicos, psicológicos e sociais. Pensando nisso, o idoso pode ser entendido a partir de suas possíveis limitações, ou a partir das potencialidades inerentes ao processo de envelhecimento ([BEZERRA; BALDIN; JUSTO, 2015](#)). [Ávila, Guerra e Menezes \(2007\)](#) identificaram a existência de duas categorias perceptuais sobre o envelhecimento nos idosos entrevistados: os que se reconheciam como velhos, considerando a velhice enquanto construção e processo psicossocial; e os que percebiam a presença de marcadores biológicos do envelhecimento, sentindo-se envelhecidos, porém não velhos. Notou-se que, neste trabalho, a percepção de si, nem sempre correspondeu à percepção do grupo.

Nas oficinas foi possível observar representações singulares e coletivas acerca do processo de envelhecer. Nos quarto e décimo primeiro encontros foi abordado sobre autoimagem e autoconhecimento dos participantes, surgindo diversas falas que descreviam a juventude como fase em que se trabalhava muito e vivia pouco. Em tais falas, percebeu-se a velhice como esse início do viver associado aos momentos de lazer experienciados na terceira idade. Indo ao encontro de uma perspectiva positiva do envelhecimento, Amarilis relatou sentir-se mais nova que em fases anteriores da vida, porque agora pode ter amigos, conversar, fazer diversas atividades e antes apenas trabalhava e cuidava dos filhos. Íris apontou a velhice como sinal de aprendizagem e Begônia expressou que começou a viver apenas depois de idosa. Além disso, no nono encontro foi trabalhado o autocuidado, buscando viabilizar percepções e partilhas sobre o próprio corpo, bem como as diversas formas de cuidado de si e do outro. Tais manifestações ilustram a importância da compreensão desse período como possibilidade de engajamento ativo na vida ([RIBEIRO, 2015](#)).

Salienta-se que, em geral, os relatos de sofrimento dos participantes foram sobre experiências do passado. Isso pôde ser evidenciado no décimo encontro com o tema “lembranças”, no qual foram apresentadas diversas recordações de vivências familiares e perdas significativas que ainda hoje são motivos de tristeza. Notou-se diferenças na percepção que os idosos têm do passado em relação à prática relatada por [Bezerra, Baldin e Justo \(2015\)](#), pois, no estudo, as falas das participantes demonstraram um apego ao passado enquanto “glorioso” e fonte de aprendizados.

No que se refere à ausência de relatos de sofrimento relacionado ao momento presente nos referidos encontros, cabe considerar a característica do grupo de evitar falas relacionadas à vivência da dor. É possível perceber um aspecto desafiador na fase atual

de alguns participantes ao tratar de solidão. Este sentimento aparece nas diversas experiências de perdas vivenciadas na velhice ([POSSAMAI, 2017](#)). Os idosos relataram a perda de parceiros e de pais, além da saudade dos familiares que estavam distantes. Tais relatos estiveram presentes especialmente nos segundo, terceiro e oitavo encontros, nos quais tratou-se dos temas da família e das redes de apoio.

Vinculação intragrupal: aspectos favoráveis e obstáculos ao desenvolvimento

Como aponta [Nogueira et al. \(2013\)](#), a convivência grupal se mostra uma importante ferramenta dentro de instituições, como o SCFV, ao criar espaços de vinculação que funcionam como forma de evitar a solidão e o isolamento. Portanto, durante este trabalho, foram criados encontros com objetivo de abordar as redes nas quais os idosos se apoiavam, sendo elas a família, os círculos de amizade, o próprio centro e a vinculação entre os participantes.

Especialmente no oitavo encontro, trabalhou-se a temática dessas redes de apoio e pessoas significativas a fim de levar à reflexão sobre quem são esses sujeitos e instituições com as quais os participantes podem contar. O SCFV foi referenciado por diversos participantes como esse lugar, sendo descrito por Violeta como estratégia para evitar a depressão. Nesse sentido, o SCFV, enquanto um serviço socioassistencial, tem como objetivo garantir a proteção social dos usuários, atuando, principalmente, na fragilidade dos vínculos ([BRASIL, 2017](#)). As atividades em grupo, portanto, se constituem como uma das principais estratégias, utilizando-se do convívio para o enfrentamento da tristeza ([POSSAMAI, 2017](#)). Essa experiência se caracteriza como uma rica troca, visto que “possibilita amparo, proteção, e tem a capacidade de gerar uma multiplicidade de outras vivências em cada um dos participantes” ([BRASIL, 2012, p. 55](#)).

Ademais, identificou-se que os espaços coletivos se constituem como um ambiente de construção de saberes mútuos e cooperação, tal como evidenciaram [Sá et al. \(2006\)](#) ao utilizarem oficinas terapêuticas e perceberem a efetividade destas como forma de apoio e de espaço de criação, interação, fazendo uso de atividades manuais. [Soares e Reinaldo \(2010\)](#) também relataram a experiência de um projeto de oficinas terapêuticas de hábitos saudáveis em um SCFV como forma de promoção de saúde e educação.

Nas oficinas, o compartilhamento de experiências possibilitou reverberações afetivas e aprendizagem, tendo em vista que os participantes construíram um espaço de escuta e acolhimento, possibilitando o desenvolvimento de vínculos transferenciais ([SOUZA; PINHEIRO, 2012](#)). Essa vinculação pôde ser percebida no quinto encontro, por exemplo, quando Jasmim não pôde participar por motivos de saúde e Amarílis notou sua ausência, comentando com o grupo e narrando a história da colega. Neste encontro em específico, as facilitadoras levaram a proposta para o grupo produzir algo que pudesse ser entregue para Jasmim, tendo surgido diversas reações afetivas e relatos de como as vivências compartilhadas por Jasmim anteriormente trouxeram aprendizados de superação e força para os demais membros. Com isso, percebe-se que a interação social possibilita aprendizagem ([POSSAMAI, 2017](#)). Ademais, essa ação perante o adoecimento de um participante caracteriza-se como uma estratégia de cuidado e de suporte social.

Quanto ao manejo do grupo é importante ressaltar algumas dificuldades encontradas pelas coordenadoras durante os trabalhos grupais, algo que [Brasil \(2012\)](#) entende como uma característica da convivência e das relações grupais. Esses obstáculos ocorrem devido à variedade de expressões individuais quanto a uma mesma temática. Dentre alguns obstáculos, destacaram-se momentos em que Amarílis e Íris

iniciaram conversas paralelas com outros participantes enquanto Violeta relatava um episódio de sua vida que lhe trazia sofrimento, algo que se repetiu em diversos momentos. Além disso, percebeu-se que os idosos não estavam acostumados com atividades expressivas, muitas vezes tendo dificuldade em entender propostas subjetivas, o que foi manejado por meio da utilização de exemplos no momento da explicação. Portanto, é da experiência e da habilidade do coordenador facilitar as ocorrências que surgem durante o trabalho entre grupos ([PICHON-RIVIÈRE, 1982](#)).

Imagens como mediadoras de fortalecimento de vínculos interpessoais

Desde o primeiro encontro, notou-se a necessidade de um espaço de fala, visto que durante as apresentações já surgiram diversos aspectos da vida de cada participante, havendo temáticas relacionadas, por exemplo, à saúde, ao passado e a sofrimentos. Para o manejo desse espaço, utilizou-se de recursos expressivos como mediadores da fala dos participantes, pois estes auxiliam na expressão emocional ao permitir menor racionalização do discurso verbal ([REIS, 2014](#)). Esses recursos foram utilizados em praticamente todos os encontros como uma tarefa a ser realizada pelos idosos. As facilitadoras explicavam a proposta expressiva que nortearia o encontro e, na sequência, realizavam uma roda de conversa sobre a experiência e os sentimentos despertados. A síntese dos principais momentos com o grupo está ilustrada na figura.

Figura 1. Colagem das principais fotografias e imagens produzidas pelo grupo.



Fonte: Autoras.

Os recursos selecionados para os encontros envolviam imagens, sons e/ou movimentos. A fotografia teve maior adesão, tanto a ação de tirar fotos, quanto de ser fotografado ou ainda trazer uma fotografia pessoal e da família para compartilhar com o grupo. Já a utilização de sons, como uma música no início do grupo sobre o tema família, não foi bem recebida pelos participantes. Não houve reações durante a execução do recurso, motivo pelo qual a música foi encerrada antes de sua finalização. Levanta-se a hipótese que a ausência de respostas tenha ocorrido em razão da escolha da música, não tão próxima desse público, ou pelos participantes não terem participado ativamente na escolha. Após esse acontecimento, optou-se por não utilizar mais o recurso dos sons.

Entretanto, próximo dos encontros finais, algumas participantes comentaram que adoravam dançar, cantar e quando questionadas sobre o gênero preferido, sinalizaram o sertanejo raiz e alguns músicos favoritos. Esses apontamentos permitiram que, no encontro de encerramento, colocássemos uma lista de músicas que coincidissem com a preferência do público, o que foi reconhecido pelos idosos. Percebe-se como são essenciais a criação compartilhada e a compressão da arte e do recurso utilizado na vida do idoso, o quanto eles se sentem à vontade e como o instrumento utilizado faz sentido ao grupo na expressão de sua subjetividade ([BALDIN; MAGNABOSCO-MARTINS, 2015](#)).

Destaca-se que, em diversos momentos, os participantes tiveram dificuldades de abstração e simbolização, recorrendo, por exemplo, a imagens que representassem características físicas e concretas. Além disso, após as atividades, havia uma alta demanda de fala e as participantes se expressavam livremente, compartilhando afetos e dores, sendo pontuado pela coordenadora o caráter disparador dos recursos utilizados. Neste sentido, para [Castanho \(2012, p. 56\)](#), apontar a ação como disparadora, “não significa dizer que qualquer ‘fazer’ tenha efeitos terapêuticos”, mas que uma atividade pode ter esses efeitos quando sua realização está relacionada à elaboração psíquica, estando associados pensamentos, sentimentos e ações. [Brasil \(2017\)](#) ressalta a importância de compreender que as atividades do SCFV são apenas um meio de possibilitar a convivência, a reflexão e orientar a escuta e o diálogo. As estratégias - sejam práticas artísticas, esportivas ou de lazer - servem para estimular o encontro, embora não sejam a finalidade central dos serviços.

Desse modo, não é o fazer pelo simples cumprimento de uma demanda externa, mas sim o que é possível extrair dessa atividade e implicar em um fluxo associativo, sendo singular para cada participante e grupo. Prender-se a proposta explícita - o que algumas vezes acontecia no manejo grupal, principalmente nos primeiros encontros, quando não havia ainda um vínculo de confiança estabelecido entre os participantes, ou no começo dos encontros - pode configurar-se como um receio de vivenciar possíveis angústias, estando o grupo, portanto, em pré-tarefa ([CASTANHO, 2012](#)). Esse receio era expressado, principalmente, na dificuldade de alguns participantes lidarem com aquilo que dói, utilizando-se de risadas, tentativas de trocar o assunto ou criar conversas paralelas quando alguém relatava sua angústia.

Por outro lado, em momentos que se apostava prioritariamente no recurso da fala, sem qualquer recurso expressivo, havia o questionamento de quando iria começar a atividade e se não iriam fazer nada naquele encontro. Indicando, dessa maneira, a dificuldade de abstração sem uma tarefa concreta e o quanto os recursos instrumentalizam e oferecem suporte para os participantes ([BEZERRA; BALDIN; JUSTO, 2015](#)). [Souza e Pinheiro \(2012\)](#) enfatizam que expressar-se por si mesmo pode ser uma tarefa difícil, no entanto as oficinas podem auxiliar nesse processo, possibilitando formas indiretas e mediadas de falar de si. Nesse âmbito, para fins de ilustração, destaca-se o

passeio para fotografar o bairro, realizado no décimo encontro, em que elementos presentes durante o passeio suscitaram memórias e o compartilhando de relatos que envolviam a infância, os trabalhos que já realizaram e as histórias de onde moravam, favorecendo a aproximação entre os participantes. Assim como realizado no trabalho de [Bezerra, Baldin e Justo \(2015\)](#), as imagens recolhidas pelos participantes serviram como disparador para associações.

Para [Souza e Pinheiro \(2012\)](#), os recursos artísticos podem não ser terapêuticos em si, mas as relações que são estabelecidas no processo da oficina fazem com que tenham repercussões terapêuticas. Em consonância, [Baldin e Magnabosco-Martins \(2015\)](#) afirmam que a arte possibilita aos participantes novas perspectivas de vivências, qualidade de vida e de saúde, permitindo a criação de um espaço para o compartilhamento de experiências e a expressão de sentimentos, desejos e pensamentos. Com isso, percebe-se que o uso de recursos expressivos, como as imagens, é terapêutico para a construção de vínculos interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação proposta buscou ampliar as possibilidades existentes em um SCFV, apresentando uma estratégia diferente das que já eram ofertadas. Ponderou-se que foram orientadas atividades que viabilizassem partilha e reflexão sobre questões relacionadas à história de vida e aos vínculos, bem como percepções sobre o envelhecimento. Entende-se que foi desenvolvida uma atuação em prol da promoção da saúde, aspecto importante que deve ser valorizado nos espaços socioassistenciais. Considerando isso, a prática foi alinhada com as demandas institucionais do serviço, tendo sido realizada uma visita institucional para delineamento do plano de ação, um momento para inscrições e esclarecimentos, doze oficinas terapêuticas com os idosos, reuniões periódicas com o serviço e supervisões acadêmicas.

Diante disso, percebe-se que a proposta de atendimento grupal à população idosa, utilizando-se de recursos artísticos-expressivos, possibilitou a criação de um espaço de fala, escuta e interação que se mostrou relevante para a qualidade de vida na terceira idade. Esse espaço, construído em conjunto com os idosos, propiciou autonomia, ajuda mútua, socialização e bem-estar. Mesmo com uma frequência flutuante dos participantes e com dificuldades em atuar como um grupo fechado, identifica-se que o objetivo de ofertar um espaço acolhedor que pudesse ser terapêutico foi alcançado. Os idosos, por meio de comentários positivos e gestos de carinho para com as facilitadoras, demonstraram aprovar e aproveitar desse ambiente e da possibilidade de (re)contar e (re)pensar sua própria história. Entretanto, notou-se desafios, como a dispersão de alguns membros, dificuldade de ouvir e acolher o sofrimento do outro e muitas interrupções, expondo uma alta demanda de fala por todos os participantes.

Ademais, no que concerne à experiência acadêmica, ainda que as estudantes-facilitadoras tenham encontrado dificuldades iniciais, principalmente na assertividade ao explicar os limites de interferência com os idosos, compreende-se que as atividades foram exitosas, havendo desenvolvimentos pessoais e profissionais. Acredita-se que esse contato extensionista é essencial para a formação profissional, visto as especificidades da assistência e da atenção à saúde integral na terceira idade, além de contribuir socialmente com a oferta de um espaço de acolhimento e suporte de qualidade durante o processo de envelhecimento.

REFERÊNCIAS

[BALDIN, T.; MAGNABOSCO-MARTINS, C. R.](#) Oficinas artísticas na universidade aberta para a terceira idade: contribuições para a qualidade de vida de idosos. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, abr. 2015. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/6410/0>. Acesso em: 23 nov. 2020.

[BEZERRA, P. V.; BALDIN, T.; JUSTO, J. S.](#) Oficinas de Psicologia com idosos e as possibilidades de ressignificações do presente e futuro. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 3, set. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/29333>. Acesso em: 23 nov. 2020.

[BRASIL.](#) Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: MS, 2004.

[BRASIL.](#) Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Estatuto do Idoso**. 3. ed. Brasília, DF: MS, 2013.

[BRASIL.](#) Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações técnicas para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para as Pessoas Idosas**. Brasília, DF: MDS, 2012.

[BRASIL.](#) Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Perguntas Frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Brasília, DF: MDS, 2017.

[BRASIL.](#) Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social PNAS/2004: Norma Operacional Básica NOB/SUA**. Brasília, DF: MDS, 2005.

[BRASIL.](#) Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Caderno de orientações: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Articulação necessária na Proteção Social Básica. Brasília, DF: MDS, 2016.

[CASTANHO, P. C. G.](#) O momento da tarefa no grupo: aspectos psicanalíticos e psicossociais. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 13-22, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702007000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 dez. 2020.

[CASTANHO, P. C. G.](#) Uma introdução aos grupos operativos: Teoria e técnica. **Vínculo**, v. 9, n. 1, p. 47-60, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 dez. 2020.

[DE ÁVILA, A. H.; GUERRA, M.; MENESES, M. P. R.](#) Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice. **Pensamento Psicológico**, Cali, v. 3, n. 8, p. 7-18, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80130802>. Acesso em: 17 dez. 2020.

[FISCMANN, J. B.](#) Como agem os grupos operativos. In: ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. (org.). **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

[IBGE](#). **Sinopse do censo demográfico**: 2010. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49230.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

[NOGUEIRA, A. L. G. et al.](#) Fatores terapêuticos identificados em um grupo de Promoção da Saúde de Idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 47, n. 6, p. 1352-1358, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000601352&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 dez. 2020.

[OLIVEIRA, R. C. M.](#) (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>. Acesso em: 18 nov. 2020.

[PAIM, J. S.](#) Modelos de atenção à saúde no Brasil. In: GIOVANELLA, L.; ESCOREL, S.; LOBATO, L. V. C.; NORONHA, J. C.; CARVALHO, A. L. (org.). **Políticas e sistemas de saúde no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

[PHILIPPINI, A.](#) **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia**: uso, indicações e propriedades. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

[PICHON-REVIÈRE, E.](#) **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

[POSSAMAI, V. D.](#) **Percepção dos idosos participantes de um programa de extensão sobre os pressupostos da política de envelhecimento ativo**. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/171262>. Acesso em: 21 dez. 2020.

[REIS, A. C. dos.](#) Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 34, n. 1, p. 142-157, mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2020.

[RIBEIRO, P. C. C.](#) A psicologia frente aos desafios do envelhecimento populacional. **Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 8, p. 269-283, dez. 2015. Número Especial. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 jun. 2019.

[SÁ, S. P. C. *et al.*](#) Oficinas terapêuticas para cuidadores de idosos com demência: atuação da enfermagem no programa interdisciplinar de geriatria e gerontologia da UFF. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 101-114, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232006000300101&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 jul. 2019.

[SAMPAIO, J. *et al.*](#) Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão de Pernambuco. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 2, p. 1299-1311, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601299&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 dez. 2020.

[SOARES, A. N.; REINALDO, A. M. S.](#) Oficinas terapêuticas para hábitos de vida saudável: um relato de experiência. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 391-398, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000200025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 jul. 2019.

[SOUZA, L. G. S.; PINHEIRO, L. B.](#) Oficinas terapêuticas em um Centro de Atenção Psicossocial – álcool e drogas. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, dez. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3375>. Acesso em: 01 jul. 2019.

[VALLADARES, A. C. A. *et al.*](#) Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 5, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/768>. Acesso em: 02 jul. 2019.

[ZIMERMAN, D. E.](#) Grupoterapia psicanalítica. *In*: ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. (org.). **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.